

INVESTIMENTOS E ESTRATÉGIAS NA CONSTITUIÇÃO DE ACERVO PESSOAL NA FORMAÇÃO INTELECTUAL UNIVERSITÁRIA

EDINEUZA OLIVEIRA SILVA (UNIVERSIDADE DE SOROCABA).

Resumo

A análise do quadro atual da Educação Superior no Brasil, que subserviente a um novo modo de organização político/econômico/social predominantemente neoliberalista, mostra a predominância de uma concepção de formação acadêmica fortemente marcada às formas de produção de conhecimento instrumentalizados e pragmáticos, atendendo às demandas do mercado de trabalho, que, em sua essência, nega a existência de uma disciplina de estudo mais crítica, autônoma e organizada. Este trabalho tem por objetivo identificar, descrever, analisar e compreender como estudantes universitários PROUNI de IES periféricas (IES periférica implica o tipo de instituição e o lugar relativo que ocupa no campo da Educação Superior) organizam e investem intelectualmente de forma objetiva e subjetiva na constituição de acervo pessoal durante a graduação, de modo a influenciar sua concepção e relação com o conhecimento, corroborando uma postura epistemológica de investimento em sua formação intelectual, cultural e social e, além disso, estabelecer relação entre estes investimentos e a formação acadêmica, assim como, relacionar a constituição de acervo pessoal com a cultura escrita. Para melhor auferir os aspectos investigados neste trabalho, foram aplicados 300 questionários fechados a estudantes universitários e a realização de 30 entrevistas semi-estruturadas para universitários bolsista integral do ProUni. Este trabalho se insere no projeto de pesquisa "Cultura Escrita, Globalização e Formação Universitária: concepções de estudo e de aprendizagem e expectativas do estudante universitário de IES periférica". Até o presente momento, temos um resultado parcial da pesquisa, constando de um estudo bibliográfico buscando a conceituação dos temas em foco, aplicação e análise dos questionários e entrevistas realizadas aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Palavras-chave:

Formação Universitária, Acervo Pessoal, Cultura Escrita.

Introdução

As transformações ocorridas nas bases materiais, na relação existente entre homem e trabalho fizeram emergir novos modos de relações sociais, em função do estabelecimento do capitalismo, promovendo em seu interior o crescimento cada vez mais acelerado das ciências e das tecnologias. Isto, implica uma relação específica com o conhecimento, e este conhecimento só se adquire por meio da escolarização formal.

Segundo Britto (2003), para sobreviver nesta sociedade globalizada o indivíduo precisa saber operar com diversos tipos de protocolos, ou seja, as novas tecnologias exigem trabalhadores autônomos, independentes, capazes de tomar decisões. Busca-se uma educação que possibilite a aquisição de conhecimentos, habilidades e competências para operar com essa realidade.

A idéia de Ensino Superior é carregada de um conteúdo simbólico que denota superioridade e enfatiza a crença nele como fator propulsor e elementar de ascensão social, de modo que:

Os pais esperam que com a faculdade cursada os filhos conquistem um espaço no mercado de trabalho e sua autonomia financeira. Esperam uma colocação quase imediata ou automática no mercado de trabalho após a conclusão do curso. (SANTOS, 2005, p.1)

Esta forte tendência de busca e aquisição por conhecimento para a inserção no mercado de trabalho em consonância com políticas públicas educacionais, não só desconsidera a mister formativa como também reforça a submissão da educação aos princípios mercantilistas.

Esta situação corrobora para o aumento expressivo do número de instituições de Educação Superior, com diversificação da oferta, novas profissões, cursos sequenciais e de formação rápida, bem como, para a inserção de um segmento social que antes não atingiam esse universo acadêmico.

O surgimento deste "aluno novo" no interior das IES, especialmente no que concernem as IES periféricas, tem-se mostrado uma formação que não satisfaz as exigências acadêmicas, que ideologicamente se constitui para formação do "aluno clássico".

Freqüentando cursos noturnos de IES de pouco prestígio e de baixa seletividade, esta população estabelece uma relação com estudar e formar-se regida por concepções aligeiradas de conhecimento e fundamentalmente relacionadas à preocupação de qualificação para o mercado de trabalho. Diferentemente do aluno "clássico" - cuja predisposição para estudar supõe vínculos claros com idade, disponibilidade de tempo, formação escolar e intelectual, capital cultural, financiamento familiar. (BRITTO et al, 2008, p. 787/788)

Em seu estudo sobre o enquadramento de alunos de origem popular na universidade pública, Zago (2006) faz uma reflexão sobre a problemática do estudante universitário de origem popular e sobre as desigualdades relacionadas ao acesso e à permanência no sistema de ensino superior.

Segundo a autora, citando dados obtidos no INEP: (ZAGO, 2006):

A expansão quantitativa do ensino superior brasileiro não beneficiou a população de baixa renda, que depende essencialmente do ensino público. A universidade pública expandiu-se no período compreendido entre 1930 e 1970, mas desse período até os dias atuais as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas (INEP, 2004, p. 8-19). (p. 228)

Com isso, pode-se observar um número significativo de matrículas e o aumento de IES privadas nos últimos anos.

Para Britto e Torezan (2001), a incorporação desse novo segmento social, mostra que, mesmo tendo atingido um nível elevado de ensino, esses estudantes não desenvolveram determinadas habilidades de estudo, nem o domínio de certas formas de cultura escrita, em função de condições que colaboram para esta situação como: escolarização tardia, conclusão de escolaridade por sistemas alternativos, interrupções ou abandono dos estudos, repetição de série escolar, longo período de interrupção entre o fim do Ensino Médio e a entrada ao nível superior, a grande maioria trabalha e não dispõe de tempo de estudo e raramente

participam de atividades de extensão cultural, encontros científicos e demais ações acadêmicas.

Diante do exposto, sobre o quadro atual de formação e organização da Educação Superior, que tem se moldado por uma formação normatizada e pragmática, ideologicamente voltada as novas concepções de mundo e de sociedade, importa compreender as formas de relação que os estudantes universitários estabelecem com o conhecimento.

Esta relação implica a percepção e aquisição de estratégias na constituição de acervo pessoal imbricado em sua forma de estudo e de aprendizagem. Compreende-se que a relação com o conhecimento está diretamente definida por sua postura de estudo e de conhecimento de mundo em função do acesso a cultura escrita fundamentada por suas disposições objetivas e subjetivas.

Sendo assim, busca-se respaldo nas questões referidas aos: seu acesso aos meios culturais; a sua expectativa e convivência com o meio acadêmico; na sua forma de leitura e escrita de textos científicos acadêmicos; na aquisição de material de estudo; como adquirir esses materiais de estudos; na organização desses materiais de estudos e suas aprendizagens.

Acervo pessoal, cultura escrita e conhecimento

É constante o debate teórico sobre a leitura e escrita de estudantes universitários, já que os discursos correntes são que esses alunos chegam a Educação Superior sem saber ler e escrever.

Segundo Britto, os estudos que se fazem com base nesse assunto são de caráter metodológico, ou seja, o fato desses alunos alcançarem a Educação Superior sem a devida apropriação das formas de leitura e escrita, seria porque passaram por uma educação nos níveis regulares anteriores desinteressada e desmotivada por utilização de métodos ultrapassados, "desconsiderando-se sua origem familiar, suas formas de inserção social e o tipo de letramento. Tampouco tem-se precisado qual é exatamente a dificuldade, o que o estudante não sabe ou não faz" (BRITTO, 2003: 175), postulando que a capacidade de leitura e de escrita estão relacionadas às formas de acesso à cultura hegemônica e aos modos de argumentação científica que aos métodos de ensino.

Pode-se afirmar que as estratégias de investimentos e organização de acervo pessoal, bem como a utilização dos espaços acadêmicos, estão vinculadas a maneira como estes estudantes interagem e convivem com os objetos da cultura e com as formas de produção do conhecimento formal.

O saber e o poder operar com objetos culturais, a manipulação e o uso desses objetos como meio de intervenção social, tanto para a vida social, como profissional e acadêmica diante de situações que permitam a participação do indivíduo nesse contexto, são fundamentais para a integração e a participação na sociedade de cultura escrita.

O ato de ler e de escrever transcende as formas simplesmente de ensino a que se dispõe a escola, está diretamente ligado com os processos de produção e circulação da cultura escrita, "que supõe produtos culturais e modos de participação que vão além do conhecimento de normas e do uso do código" (BRITTO, 2003: 42).

Em seu texto, desmistificando o ato da leitura como potencial criativo Britto (2003) argumenta que no discurso acadêmico, veicula-se a leitura de valorização de

aspectos mecânicos, propondo leituras agradáveis e prazerosas, valorizando o senso comum e conhecimentos adquiridos na experiência cotidiana. Segundo o autor esse tipo de leitura não se diferencia de outras formas de consumo da cultura de massa, abrindo um vasto campo mercadológico com este tipo de produção à indústria da informação e do entretenimento.

O discurso que se segue é da busca de leitura como forma de prazer, de distração e entretenimento, consequentemente deixando em segundo plano o verdadeiro sentido e valor da leitura que exige um maior envolvimento intelectual.

Para (BRITTO, 2003):

Não se pretende sugerir que tais práticas leitoras não produzam conhecimento, mas sim que o conhecimento que produzem é essencialmente de aceitação de uma representação de mundo em que as coisas são naturalmente como são. Não há engajamento do sujeito com o processo de reelaboração do saber instituído e, muito menos, questionamento dos valores veiculados. E, considerando que um dos conhecimentos que podem resultar da leitura é a reelaboração e ampliação dos mecanismos lingüísticos e argumentativos, a concepção ingênua de leitura sequer contribui para que as pessoas ampliem sua capacidade de ler, isto é, sua capacidade de interagir autonomamente com discursos elaborados dentro do registro da escrita e referenciados em universos específicos de conhecimento. (p.110)

Neste sentido a percepção da elaboração do acervo e do uso da biblioteca por estudantes universitários também se caracteriza pelo estudo de leitura desses estudantes, em seu trato com os textos acadêmicos, bem como da produção de conhecimentos que se segue da leitura desses textos e na produção de textos para registro, comunicação e planejamento.

Não é somente a aquisição de material de estudo que irá produzir uma forma diferente de conhecimento nesse estudante universitário, mas sim, como ele utiliza e organiza esses materiais, como uma forma crítica, autônoma e criativa.

Entende-se que o modo como se relaciona com o acervo e a biblioteca produzirá um conhecimento mais criativo e crítico, levando o estudante a um universo interdisciplinar mais amplo e diversificado fora do espaço da sala de aula.

Para (SILVA, 2004):

Seria de esperar que ele tivesse várias oportunidades intelectuais e culturais fora o espaço-aula, tendo contato com atividades formativas tais como: estudo em grupo, pesquisa científica, palestras, semana cultural, teatro, orientações acadêmicas, biblioteca, internet, atividades políticas e outras. Por estas e outras razões, a Universidade tem um papel relevante na construção do conhecimento e na formação cultural do aluno. Ela não se restringe à sala de aula. Ela vai além deste micro universo cultural e de formação intelectual. O problema é que quase sempre, o aluno restringe sua vida acadêmica à sala de aula. Seu comportamento não vai além daquilo que é exigido pelo professor. (p. 269)

A atual conformação da Educação Superior às práticas educacionais aligeiradas de caráter normativo e instrumentalizadas desvaloriza o investimento em formação pautada na prática da discussão científica e da produção de novos saberes articulados entre si.

Neste contexto, não há uma relação estreita da leitura e escrita com o conhecimento, em que o aluno operará com saberes já instituídos e na construção de novos saberes/conhecimento.

Podemos observar que esta prática produz uma relação com o conhecimento pautada na constituição de acervo, em que sua prática se resume ao pragmatismo, o que se verifica são a leitura e escrita de textos simplesmente instrumental, sem o uso de estruturas apropriadas de estudo (tais como: resenhas, resumos, fichamentos, etc.), fundamentais para a produção e articulação de novos conhecimentos, bem como para a ampliação de materiais de estudo, já que entendemos o acervo como organização sistemática da atividade intelectual materializada, e a incorporação deste material como forma de acumulação progressiva do conhecimento.

Portanto, as formas de investir e organizar acervo são atitudes favorecedoras do conhecimento. Entretanto, a relação com o conhecimento que se pressupõe o seu reconhecimento como verdade absoluta, como estático e acabado, pautado em uma relação com experiências cotidianas de senso comum, desconsidera-se seu processo histórico de desenvolvimento e sua precariedade.

Sendo o conhecimento uma produção de caráter histórico, caracterizá-lo como verdade absoluta é desconsiderar seu desenvolvimento, seu processo de ampliação, reformulação, enfim, sua precariedade.

Este tipo de formação não permite uma relação com os objetos do mundo em que são articulados todos os saberes, permitindo observações distintas que se percebem os fundamentos e a origem do conhecimento.

Abrantes e Martins (2007) utilizando-se dos estudos de Saviani no que concerne a produção do conhecimento e o papel fundamental do ensino ressaltam que:

Saviani (1984, p. 51) afirma a atividade investigadora como uma "incursão no desconhecido, que só se define por confronto com o conhecido", ou seja, sem o domínio do conhecido não é possível incursionar no desconhecido - dado que reafirma o papel do ensino para o desenvolvimento das capacidades do pensamento. (p. 318)

O conhecimento teórico e crítico, é construído historicamente, e para se ter uma superação do conhecimento imediato, pragmático é preciso o domínio e articulações de saberes. (ABRANTES E MARTINS, 2007):

Diferentemente, o pensamento teórico apreende o objeto em suas relações internas e leis que regem o seu movimento, compreensíveis por meio de elaborações racionais dos dados dispostos pelo conhecimento empírico. Sua forma lógica é constituída pelo sistema de abstração que explica o objeto, isto é, pelos conceitos, visando reproduzir o seu processo de transformação. Ultrapassando os limites do que é dado pela experiência, a racionalidade teórica não é simplesmente a forma

ordenada (definidora, caracterizadora, classificatória, etc.) de expressão da experiência, mas sim o recurso, a ferramenta por meio da qual aprende-se um novo conteúdo, não passível de observação imediata do aparente. (p. 317)

Enfim, a forma como estes estudantes se relacionam com o conhecimento, ou seja, percebem a importância da constituição do acervo; compram livros, fotocópias, revistas acadêmicas e científicas; fazem resenhas, fichamentos, resumos dos textos lidos; fazem anotações das aulas, como e onde fazem; pesquisam e baixam arquivos da Internet, como guardam esses artigos (em pasta no próprio computador, imprimem, salvam em CDs, DVDs, etc.); quanto gasta na aquisição de materiais; consultam e guardam bibliografias; dificuldade encontrada para adquirir materiais; local de armazenamento de materiais e como organizam: utilizam pastas, fichários, caixas, plásticos; separam e qual prioridade usa para separá-los; percebem a importância da organização desses materiais de estudos, tempo que dispõe para estudos exceto horários de aula; como utilizam a biblioteca da Universidade e qual o motivo do seu uso e se percebem a importância da organização desses materiais de estudos[1], se fundamenta em uma postura epistemológica do indivíduo como promotor de uma formação que contribua para uma maior intervenção no âmbito social, cultural e político.

Análise dos dados

Para melhor inquirir sobre as questões levantadas neste projeto foi aplicado questionário para um público maior constituído de 258 alunos de uma universidade localizada no interior de São Paulo, distribuídos entre os cursos de: Gestão da produção industrial, Letras, Pedagogia, Administração, entendendo que o aluno dessa universidade pelas suas características, que foram constatadas através do questionário aplicado, é um aluno periférico.

A finalidade é a de identificar e mapear procedimentos comuns regulares ao segmento estudantil de IES-periférica[2], de modo que se possam ter elementos de aprofundamento do estudo específico com o grupo selecionado (alunos PROUNI).

Para tanto, foram investigados suas concepções de estudar, aprender, ser aluno e universidade; investimentos feitos pelos estudantes em sua formação; comportamentos culturais; organização do estudo; cotidiano escolar; uso da Biblioteca; recursos que utiliza na leitura de estudo; recursos que utiliza na produção de textos de estudo / trabalho.

Foi constatado que este aluno se encontra no âmbito de características periféricas por possuírem semelhanças com estudantes universitários, cujas características foram esboçadas a cima nos estudos já auferidos por Britto e Torezan (2001) e Britto et al (2008).

A fim de possibilitar a melhor obtenção das interpretações dos estudantes universitários sobre suas ações e o aprofundamento de pontos levantados na pesquisa de largo alcance feita através de questionários, foram realizadas sete entrevistas investigativas com questões pré estabelecidas (mas que foram modificadas pela pesquisadora com o desenrolar da entrevista) com um pequeno grupo de alunos diferenciados com bolsa PROUNI 100%, enfocando as estratégias de aprendizagem que utilizam durante as atividades de estudo e as concepções que têm sobre estudar; aprender; ser aluno, universidade e conhecimento, bem como

da percepção que tem sobre a relevância da aquisição e organização de materiais de estudo.

Com base na análise dos dados auferidos, de fato pode-se observar que a constituição de acervo é realmente pequena, normalmente está ligado a algo mecânico, ao guardar como objetos.

Não há uma cultura de acervo, que se valorizem as possibilidades de pensar, de fazer, de criar. Esses valores não são percebidos pela educação, pois a concepção de senso comum que prevalece na educação é a de que só se tem aquilo que é guardado dentro de si, ou seja, só é valorizado o que é armazenado na memória do aluno. E o acervo, por sua vez, desobriga a guardar tudo de memória.

Apesar da enorme disponibilidade de recursos que são externos à pessoa, e que são, portanto, expansão da memória de sua capacidade, a consulta ao acervo externo é algo muito circunstancial. Neste sentido, nunca será como expansão do próprio saber.

Esta percepção de que a organização externa do conhecimento com a intermediação e interferência do organizador, que é fundamental para a organização do conhecimento e que amplia as possibilidades de ações, não é compreendida.

Vemos então uma atribuição de valor ao acervo meramente pragmático, em que se adquire somente o que se é pedido pelo professor ou por exigência do curso, bem como o ato de se produzir conhecimentos através de leituras e escritas de textos acadêmicos, filosóficos e científicos como: resenhas, fichamentos, resumos, anotações, etc.

Não se pretende fazer nenhum trabalho de base estatística rigorosa nesta pesquisa, a idéia é que este estudo constitua retratos capazes de apontar um problema que certamente trará de outras investigações aprofundamentos.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Angelo Antônio. MARTINS, Lígia Márcia. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v. 11, n. 22, p. 313-325, mai/ago 2007.

AUROUX, Sylvain, (1998). A escrita. In: A filosofia da linguagem. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme et. al., (2008). Conhecimento e formação nas IES periféricas perfil do aluno "novo" da educação superior. Avaliação (Campinas), v. 13, n. 3, p. 777-791.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Contra o consenso - cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, Campinas, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme; SILVA, Ivanilson Bezerra. Uso da biblioteca por estudantes de Educação Superior. Série-estudos, Campo Grande, v. 18, n. 2, p. 265-280, 2004.

BRITTO, Luiz Percival Leme; TOREZAN, Ana Maria. Estratégias de aprendizagem utilizadas em atividades de estudo por estudantes universitários de primeira geração de longa escolaridade. Sorocaba: Uniso, 2004. Relatório de Pesquisa. Projeto Fapesp.

MOLES, Abraham A, (1978). Biblioteca pessoal, biblioteca universal. R. Bibliotecon. Brasília 6 (1) p. 39 - 52 jan./iun.

OLSON, David R, (1997). A escrita como atividade metalingüística. In: Cultura escrita e oralidade. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (orgs). Coleção múltiplas escritas, Ed. Ática

OLSON, David R, (1997). Cultura escrita e objetividade: o surgimento da ciência moderna. In: Cultura escrita e oralidade. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (orgs). Coleção múltiplas escritas, Ed. Ática.

SANTOS, Robinson dos. Três relações fundamentais no Ensino Superior. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653).

WEITZEL, Simone R, (2002). O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. *Perspect. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61 - 67, jan./jun.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, n. 32, 2006, p. 226-237.

[1] Neste estudo, consideram-se objetos próprios do acervo pessoal todo material de estudo e formação adquirido durante a graduação. Dentre estes, podemos citar: livros, revistas científicas e acadêmicas, separatas, fotocópias, cadernos, CDs, DVDs, filmes, fitas de vídeo, fotos, arquivos eletrônicos, recortes de jornais e revistas, referências bibliográficas, resenhas, resumos, fichamentos.

[2] O conceito de IES periférica, desenvolvido no âmbito das investigações do grupo de pesquisa de Educação Superior do PPGE-Uniso refere-se a um tipo de instituição e ao lugar relativo que ocupa no campo da Educação Superior, apresentando as seguintes características: finalidade de qualificação de mão-de-obra; ocupação do espaço e do tempo que privilegia espaço/tempo aula; apresenta formas de subserviência em relação ao mercado; produção intelectual ocasional e limitada; assiste ao público de menor poder aquisitivo; tende a atuar como receptores e divulgadores de conhecimentos pragmáticos. (BRITTO et al, 2008, p. 785).